

Área temática:

Empreendedorismo e Inovação

Título do trabalho:

Empreendedorismo em ambiente de incubação de empresas

AUTORES**FERNANDA MARIA FELÍCIO MACÊDO**

Universidade Federal de Ouro Preto

profamacedo@yahoo.com.br

DIEGO LUIZ TEIXEIRA BOAVA

Universidade Federal de Ouro Preto

profboava@yahoo.com.br

ANA LUIZA SANTOS COSTA

Universidade Federal de Ouro Preto

turop@bol.com.br

Resumo:

O empreendedorismo, na sociedade contemporânea, é compreendido como um fator que impulsiona a criação de empresas de caráter inovador. Nesse sentido, é possível notar uma intrínseca relação entre esse fenômeno empreendedor e as incubadoras de empresas, uma vez que tais entidades são criadas com a finalidade de incentivar e estruturar o surgimento de novos negócios, atuando paralelamente com a empresa até a mesma atingir uma fase de maturação em que possua habilidades suficientes para se manter por conta própria no mercado altamente competitivo. Diante disso, emerge a seguinte problemática de pesquisa: Quais as interfaces existentes entre empreendedorismo e incubação de empresas? Tal indagação faz-se pertinente na medida em que pode contribuir para o aprofundamento das investigações acadêmicas acerca de empreendedorismo e incubadora de empresas. Destaca-se que não é pretensão desse artigo fazer afirmações prontas e generalistas; busca-se fundamentalmente aprofundar e contribuir para estudos que almejam relacionar a questão do empreendedorismo e incubação de empresas. Portanto, esse estudo possui um caráter exploratório, deflagrador de novas abordagens.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Incubação de Empresas; Novos negócios

Abstract:

The entrepreneurship, in contemporary society, is understood as a motivational factor for the creation of new businesses of innovating character. Accordingly, it is possible to notice an intrinsic relationship between this entrepreneur phenomenon and business incubation, since such institutions are created with the purpose to encourage and structure the emergence of new business, working alongside the company until it reaches a stage maturation that has enough skills to stay by themselves in the highly competitive market. Thus, the following

issues emerge from research: What are the interfaces between entrepreneurship and business incubation? This question is relevant, in that it will contribute to the strengthening of academic research on the entrepreneurship and business incubation. It is not to claim that article prepared statements and general, search is fundamentally deepen and contribute to studies that aim to relate the issue of entrepreneurship and business incubation. Therefore, this study has an exploratory nature, trigger new approaches.

Keywords: Entrepreneurship; Business Incubation, New Business

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo, na atual sociedade marcada pelo desenvolvimento tecnológico e aumento da competitividade, assume um papel de destaque por ser capaz de impulsionar a criação de empresas de caráter inovador.

Tal papel acaba por transcender o cenário do ambiente de mercado, despertando o interesse da comunidade acadêmica, passando a constituir um objeto de pesquisa. Assim, o empreendedorismo, um fenômeno que já se manifestava no cerne do ambiente cotidiano ou senso comum, passa a ser investigado com rigor metodológico intrínseco à produção do conhecimento científico, ocasionando um enriquecimento na compreensão das diversas dimensões do mesmo.

Nessa busca por compreensão das múltiplas facetas desse fenômeno e considerando a questão do empreendedorismo como agente impulsionador da criação de novas empresas, pode-se notar uma clara relação entre esse fenômeno e as incubadoras de empresas, uma vez que tais órgãos são criados com a finalidade de incentivar e estruturar o surgimento de novos negócios, atuando paralelamente com a empresa até a mesma atingir uma fase de maturação em que possua habilidades suficientes para se manter por conta própria no mercado.

Diante disso, emerge a seguinte problemática de pesquisa: Quais as interfaces existentes entre empreendedorismo e incubação de empresas? Tal indagação faz-se pertinente na medida em que irá contribuir para o aprofundamento das investigações acadêmicas acerca dos dois eixos temáticos, ou seja, identificar-se-á a partir dessa análise teórica as dimensões que ligam empreendedorismo e incubadora de empresas, além do ponto de contanto inicial que é a criação de novos empreendimentos.

Observada a relevância desse estudo, informa-se que o mesmo será estruturado em três linhas centrais de discussão, sendo que, inicialmente, apresenta-se uma conceituação do empreendedorismo, enfatizando suas principais características. Na seqüência, trata-se da incubação de empresa, em seus aspectos conceituais e práticos no tocante a descrição do processo de incubação. Essas duas linhas de discussão constituem a base teórica para a resolução da problemática de pesquisa. Assim, uma vez apresentadas, segue-se para a análise do empreendedorismo em ambientes de incubação de negócios. Por fim, apresenta-se a conclusão com os principais indicativos evidenciados por essa pesquisa teórica.

Destaca-se que não é pretensão desse artigo fazer afirmações prontas e generalistas, busca-se somente aprofundar e contribuir para estudos que almejam relacionar a questão do empreendedorismo e incubação de empresas. Portanto, esse estudo possui um caráter exploratório, deflagrador de novas abordagens.

2. EMPREENDEDORISMO

Dentre as mais significativas habilidades que o ser humano apresenta, é possível destacar a sua capacidade de atribuir significado, na medida em que essa permite que ele se relacione com o mundo, conferindo sentido às suas ações, experiências e projetos sociais. Ao analisar a origem do significado do termo empreendedor, observa-se efetivamente essa capacidade do ser humano de atribuir e transformar o sentido de uma palavra. Nesse caso, o processo contínuo de ressignificação ocorre em função de mudanças no contexto social de cada época.

O vocábulo empreendedor deriva do termo francês *entrepreneur*, sendo empregada no século XII para designar aquele que incentivava brigas. Contudo, no século XV, o termo *entrepreneur*, já incorporado à língua inglesa, passa a significar alguém que se responsabiliza por algo, um gerente ou campeão (BOAVA, 2006).

Dando continuidade à análise do processo de ressignificação do vocábulo empreendedor, pode-se destacar o papel dos estudiosos Cantillon (1755, 2003) e Say (1803, 2002) que ao relacionarem empreendedor a atividades econômicas, foram delineando alguns contornos da semântica atual do termo.

Na visão de Cantillon (1755, 2003), o empreendedor era aquele que adquiria a matéria-prima por um determinado preço e a revendia por um preço incerto, obtendo lucro. Por sua vez, Say (1803, 2002) acreditava que o empreendedor era uma pessoa que detinha, simultaneamente, conhecimento de mundo e de negócios, sendo capaz de atuar de forma perseverante na obtenção de sucesso.

Desse modo, observa-se que no século XVIII e meados do século XIX, período histórico referente ao início e consolidação da revolução industrial, ocorreu, de fato, a vinculação do termo empreendedor a conceitos econômicos, tais como: negociação incerta ou de risco, lucro e inovação. Porém, a relação empreendedorismo e economia foi consolidada, no século XX, por Joseph Schumpeter (1985) que apresenta o termo como designação atribuída a um indivíduo inovador.

Em 1934, surge o termo inglês *entrepreneurship*, para qualificar a atividade de organizar, de controlar, e de supor os riscos de uma empresa ou negócio (OED, 2006). Esse vocábulo foi traduzido para o português como empreendedorismo.

Assim, estudiosos do século XX, pertencentes a várias áreas de conhecimento, passaram a pesquisar o empreendedorismo, produzindo novos conhecimentos sobre essa atividade e o empreendedor, seu agente mentor e executor. Tais reflexões revelam outras dimensões do empreendedorismo e do empreendedor, além da vertente econômica, agregando outros aspectos em torno de seu significado, como padrões de comportamento, traços de personalidade, criatividade, persistência e capacidade de influenciar outras pessoas. No entanto, esse processo verificado no século XX foi, até o momento, uma agregação de aspectos ao significado do termo em análise, não existindo alterações profundas de significados como as verificadas entre os séculos XII, XV e XVIII.

Logo após essa reflexão semântica, constata-se que o vocábulo empreendedorismo surge em função de ações realizadas por pessoas ditas empreendedoras. É devido a isso, e à complexidade das ações humanas, que atualmente, no século XXI, ainda não há um consenso acadêmico sobre o que vem a ser, de fato, o empreendedorismo. Existe a concordância que empreendedorismo se relaciona com inovação, risco, iniciativa, fracasso, sucesso, determinação, que são conceitos, conforme visto, advindo de pesquisas realizadas ao longo do tempo.

Filion (1991) pondera que o conceito de empreendedorismo pode sofrer algumas variações de país para país, assim como de região para região. Ocorrendo, assim, variadas percepções sobre o fenômeno.

Dentre essas percepções, pode-se citar o pensamento de Carland, Carland e Hoy (1992, p. 1) que afirmam ser o empreendedorismo uma função de quatro elementos: traços de personalidade, postura estratégica, inovação e propensão a assumir riscos, destacando entre elas a busca de oportunidade e a criatividade como traços de personalidade. Dornelas (2003) corroborando defende que a essência do empreendedorismo é a busca de oportunidades inovadoras.

Por sua vez, Hisrich e Peters (2004, p. 29) acreditam que o empreendedorismo é uma atividade mais unilateral que busca fins individuais, sendo

[...] o processo de criar algo novo com valor dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal.

Portanto, observa-se que definir empreendedorismo é uma tarefa altamente complexa, já que esse fenômeno apresenta múltiplas dimensões. Assim, atualmente ainda não há um consenso entre os teóricos sobre uma única definição legitimada de empreendedorismo. Ocorre, portanto, a existência de distintas percepções acerca dessa temática. Tal fato pode ser justificado devido à produção científica sobre empreendedorismo ser recente.

Além disso, esse objeto de estudo desperta interesse de várias áreas do saber, como: psicologia, sociologia, economia e administração. Logo, conclui-se que conhecimento científico do ato de empreender encontra-se em fase de construção e consolidação.

Dolabela (1999, p.47) afirma que:

[...] há muitas definições do termo empreendedor, principalmente por que são propostas por pesquisadores de diferentes campos, que utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para construir o conceito. Duas correntes principais (...) os economistas, que associaram o empreendedor à inovação, e os comportamentalistas, que enfatizam aspectos atitudinais, como a criatividade e a intuição.

Desse modo, é possível identificar que para Dolabela (1999) existem duas linhas mestras de pensamento que pautam o estudo do empreendedorismo, sendo essas: a visão econômica e visão comportamental do fenômeno em questão. A primeira vertente apresenta como eixo principal na teoria do desenvolvimento econômico desenvolvida por Schumpeter (1985), sendo que a última estrutura-se na teoria visionária de Filion (1991). Vale ressaltar que a visão schumpeteriana de empreendedorismo fixa-se na atribuição à inovação do papel de motor da economia. Para esse estudioso, a capacidade do empreendedor de continuar sendo uma força complementar vigorosa na economia atual e do futuro tem sido fortalecida e determinada pela evolução de seu comportamento e pela constante busca de novos conhecimentos.

Analisando a teoria visionária de Filion (1991), observa-se que o conceito de visão parte do surgimento de uma idéia ou conjuntos dessas que se pretende realizar no futuro. Seguindo uma linha de raciocínio similar, Leite (2000, p. 16) pondera que:

[...] ser empreendedor significa ter capacidade de iniciativa, imaginação fértil para conceber idéias, flexibilidade para adaptá-las, criatividade para transformá-las em uma oportunidade de negócio, motivação para pensar conceptualmente e a capacidade para ver, perceber as mudanças como uma oportunidade.

Assim, a partir da análise processo de formação da visão contata-se que esse autor tipifica a visão em três categorias, a saber:

- *Emergente* - são constituídas segundo idéias e conceitos de produtos, atividades e serviços que surgem no imaginário do empreendedor em um período de tempo anterior à criação de um empreendimento.
- *Central* – constitui o produto de uma única ou conjunto de visões emergentes. A visão central exterior remete a posição de produtos ou serviços no ambiente externo, mercado, por exemplo. Por sua vez, a visão central interior refere-se ao tipo estrutural de organização necessário para lograr êxito em suas pretensões.
- *Complementar* - são visões gerenciais direcionadas para servir de suporte a visão central.

Logo, a visão é considerada por esse autor o ponto inicial para formação de novos empreendimentos. Contudo, para se formar uma visão, é necessário que o empreendedor possua características básicas, sendo essas descritas no a seguir:

Características do empreendedor	
Conceito de si	Forma como a pessoa se vê (auto-imagem), na qual estão contidos os valores de cada um, sua visão do mundo e sua motivação.
Energia	Diz respeito a quantidade/qualidade do tempo dedicado ao trabalho e a disposição de estar constantemente aprendendo à medida que desenvolve atividades na empresa.
Liderança	A qualidade de comandar terceiros no processo de concretizar a visão; importante porque define a amplitude do que o empreendedor que realizar.
Compreensão do setor	Saber como as empresas estruturam-se na atividade escolhida, conhecimento sobre praxes do mercado, necessidades dos clientes, concorrência, fatores críticos de sucesso e vantagens competitivas.
Relações	Refere-se as fontes de aprendizado do empreendedor e abrange não só as relações primárias (famílias, amigos, pessoas que admira), que determinam em grande parte o que ele é, mas sobretudo, o <i>network</i> que ele irá buscar para expandir seus conhecimentos como apoio para aprimoramento da visão.
Espaço de si	Implica a distância psicológica que ao mesmo tempo nos separa dos outros e nos liga a eles.

Quadro 1 – O perfil do ser empreendedor

Fonte: Filion (2000, p.31)

Portanto, a teoria visionária apresenta uma concepção de empreendedor baseada na busca de realização pessoal do ser humano. Assim, os empreendimentos constituem uma extensão do desejo, sonho e visão do empreendedor.

Por sua vez, ao abordar a teoria do desenvolvimento econômico, vislumbra-se o empreendedor como o ser que promove a inovação, sendo essa radical, na medida em que destrói e substitui esquemas de produção operantes. Nesse sentido, surge o conceito de destruição criativa. Dornelas (2001) destaca que essa definição de empreendedorismo, vinculada aos estudos econômicos de Schumpeter, é a que melhor conceitua o objeto de estudo em questão.

Assim, a questão da inovação é fundamental para a visão econômica do empreendedorismo. Para Schumpeter (1985, p.48) existem cinco tipos de inovações: introdução de um novo bem, de um novo método de produção, abertura de um novo mercado, conquista de uma nova fonte de oferta de matéria prima e, por fim, estabelecimento de uma nova organização.

Corroborando, Drucker (1986, p. 25) enfatiza que:

A inovação é o instrumento específico dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio diferente ou um serviço diferente. Ela pode ser apresentada como uma disciplina, ser apreendida e ser praticada. Os empreendedores precisam buscar, com propósito deliberado, as fontes de inovação, as mudanças e seus sintomas que indicam oportunidades para que uma inovação tenha êxito. E os empreendedores precisam conhecer e pôr em prática os princípios da inovação bem-sucedida.

Desse modo, o empreendedor na visão econômica é aquele que promove uma mudança radical destruindo as tecnologias já existentes, é aquele que propõe novidades. Nesse sentido, o empreendedor só existe no momento da inovação, não podendo constituir uma profissão, ao passo que a necessidade de inovar é ditada pelo ambiente externo.

A partir disso, constata-se que não existe uma oposição conceitual direta entre as linhas de análise economista e comportamentalista do empreendedorismo, sendo que a diferença existe em função da prioridade de aspectos abordados, no caso, respectivamente, inovação e características psicológicas.

Para Braga (2003, p.35)

Enquanto os economistas buscam definir a função do empreendedor a partir da sua atuação como destruidor, gerador de valores ao sistema produtivo [...] os comportamentalistas, embora tenham pertinente esses elementos, voltam seu interesse para o entendimento do ser empreendedor, do seu comportamento, buscando identificar as suas características e os reflexos na empresa decorrente do seu modo de atuar e interagir.

Portanto, após a análise das diferentes - mas não controversas - definições acerca do empreendedorismo, pode-se concluir que esse é um fenômeno global contemporâneo e por isso, tiveram início os investimentos em pesquisa e incentivos por parte das instituições públicas e privadas para entendê-lo melhor. Além disso, pode-se destacar que a distinção do empreendedor dos outros indivíduos se deve pela forma como este identifica a mudança e trabalha com as oportunidades.

Dando continuidade a estruturação proposta na parte introdutória desse artigo, segue-se para a exposição da temática incubação de empresas.

3. CARACTERIZAÇÃO DE INCUBADORAS DE EMPRESAS

O que é uma incubadora de empresas? Para responder a essa questão, é necessário explicar o conceito de incubar. Etimologicamente, o termo vem do latim *incubo* e significa “estar deitado em ou sobre, estar estendido em ou sobre”. Sua origem em português é 1540. O termo tem relação também com o verbo latino *incubare*, do século XIV, e que significa “estar deitado sobre”. Já a incubadora surge em 1873, originado de *incubador* + *-a* (HOUAISS, 2001, p. 1600). Apenas a descrição etimológica não é suficiente para esclarecer a questão, mas fornece subsídios importantes. Modernamente, o sentido de incubar relaciona-se com o ato de se manter um ente criado em incubadora por tempo determinado e mediante certas condições adequadas e controladas, visando seu desenvolvimento e surgimento. Ou seja, dar assistência à criação e manutenção da vida.

Essa observação é pertinente devido à “casualidade histórica” que acompanhou o surgimento e efetivação do sentido do termo incubadora de empresas. Em fins dos anos 1950 a Massey-Ferguson, a maior indústria de Batavia, Nova Iorque, fechou as portas e deixou vazio um galpão de aproximadamente 80.000 metros quadrados e gerou um desemprego elevado na região, da ordem de 20 por cento. A família Mancuso, influente e dotada de recursos, compra o complexo e encarrega Joseph Mancuso, então um gerente de loja de ferragens, da tarefa de criar opções para fazer dinheiro com esse investimento (NBIA, 2006).

A primeira tentativa foi a de encontrar uma única companhia para alugar a planta. Mas não obteve sucesso. Então, decidiu-se por dividir o edifício e alugar para várias empresas, fornecendo e compartilhando serviços de escritório, auxiliando com levantamento de capital e fornecendo conselhos de negócio. Depois de certo tempo, Mancuso já tinha recrutado seus primeiros moradores, incluindo um produtor de vinhos, uma organização de caridade e um aviário. E foi por causa do aviário que as pessoas começaram a chamar o prédio de incubadora de empresas (NBIA, 2006).

Assim, de forma espontânea e casual, surge e se consolida o termo. Ressaltando que ao invés de se incubar uma bactéria, um ovo ou uma planta, a incubadora de empresas está lidando com pessoas jurídicas. Destaca-se que essas pessoas jurídicas são constituídas por empreendedores, que coabitam em um espaço em que há a indução da prática empreendedora, especialmente planejado para tal.

As incubadoras podem ser de diversas modalidades, a depender do tipo de empresa que se pretenda oferecer apoio e suporte. O quadro a seguir traz os principais tipos de incubadoras, conforme a finalidade estatutária e comercial da empresa incubada.

Tecnológica	Abriga empresas, cujos produtos, processos e serviços resultam de pesquisa científica.
Tradicional	Abriga empreendimentos ligados aos setores da economia que detêm tecnologias difundidas e que querem agregar valor aos seus produtos, processos e serviços.
Mista	Abriga empresas de base tecnológica e tradicionais.
Setorial	Abriga empreendimentos de apenas um setor da economia.
Cultural	Abriga empreendimentos da área de cultura.
Agroindustrial	Abriga empreendimentos de produtos e serviços agropecuários.
Cooperativa	Apóia cooperativa em processo de formação e/ou consolidação instaladas dentro ou fora do município.
Social	Abriga empreendimentos oriundos de projetos sociais.
Rural	Apóia empreendimentos localizados em áreas rurais por meio de prestação de serviços, formação e capacitação, financiamento e divulgação.
Virtual	Oferece aos empreendedores todos os serviços de assessoria e apoio, mas normalmente não oferece espaço físico e infra-estrutura compartilhada.

Quadro 2: Tipos de incubadora

Fonte: adaptado de Nassif e Carmo (2005)

Este intróito foi importante para ressaltar que a questão é recente; plena de possibilidades. Como fenômeno recente, as incubadoras estão em fase de definições conceituais, a exemplo do que ocorre com aspectos teóricos do empreendedorismo.

O quadro a seguir apresenta algumas definições.

Morais (2001)	Mecanismo de estímulo e apoio à criação e ao desenvolvimento de empreendimentos inovadores sustentáveis.
Spolidoro (1999)	Ambiente que favorece a criação e o desenvolvimento de empresas e produtos inovadores.
Lalkaka e Bishop (1996)	Ambiente de trabalho controlado adequado para auxiliar o crescimento de novas empresas emergentes.
Medeiros (1992)	Um núcleo que abriga, usualmente, micro-empresas de base tecnológicas.
Nadas et al. (1991)	Uma estrutura compartilhada por empresas com suporte administrativo centralizado.

Quadro 3: Conceito de incubadora

Fonte: adaptado de Nassif e Carmo (2005)

Porém, tais definições necessitam de aprofundamento. Nesse sentido, Smilor (1987, p. 146) a definiu como:

[...] uma instalação planejada para apoiar o desenvolvimento de novas empresas. Ela provê uma variedade de serviços e apoio ao *start-up* das empresas com uma clara preferência por aquelas de alta tecnologia e indústrias manufatureiras leves. A incubadora procura unir efetivamente talento, tecnologia, capital e conhecimento, para alavancar o talento empreendedor, acelerar a comercialização de tecnologia e encorajar o desenvolvimento de novas empresas.

Já Dornelas (2002, p. 21) acredita que uma incubadora de empresas é:

[...] um mecanismo – mantido por entidades governamentais, universidades, grupos comunitários etc. – de aceleração do desenvolvimento de empreendimentos (incubados ou associados), mediante um regime de negócios, serviços e suporte técnico compartilhado, além de orientação prática e profissional.

Estabelecidas essas duas definições orientadoras do que seja incubadora de empresas, cumpre prosseguir no círculo de compreensão. Como dito anteriormente, esta investigação desenvolve-se com empresários localizados na Incubadora Internacional de Empresas de Base Tecnológica da Universidade Estadual de Londrina. Para esclarecer melhor a questão, deve-se discorrer sobre o conceito de empresa de base tecnológica. Porém, para esclarecer o que seja empresa de base tecnológica é fundamental compreender o sentido de tecnologia. Conforme apresentado na introdução deste trabalho, os estudos sobre a tecnologia estão avançando significativamente, a partir de reflexões filosóficas. Assim, pergunta-se: o que é tecnologia?

Esta questão encerra em si muitas respostas. Poder-se-ia discorrer longamente sobre possíveis respostas, porém o foco aqui são as empresas de base tecnológica. Por isso, deve-se ir direto ao ponto que interessa. O grego é o idioma que utilizou a palavra pela primeira vez: *tekhno-logía*, 'tratado ou dissertação sobre uma arte, exposição das regras de uma arte', formado a partir do radical *tekhno-* (de *tékhne* 'arte, artesanaria, indústria, ciência') e do radical *-logía* (de *lógos*, ou 'linguagem, proposição'). Em português, aparece em 1783, significando uma teoria geral e/ou estudo sistemático sobre técnicas, processos, métodos, meios e instrumentos de um ou mais ofícios ou domínios da atividade humana (HOUAISS, 2001, p. 2683).

A resposta está aqui. A tecnologia, então, pode ser entendida, para fins exclusivamente da pergunta efetuada anteriormente e deste trabalho, como uma aplicação de conhecimentos teóricos em situações práticas, mediante uso de ciência e inovação.

Esclarecido o conceito de tecnologia, cumpre agora discorrer sobre empresa de base tecnológica. Trata-se de uma organização que desenvolve sua atividade através de pesquisas aplicadas, nas quais a tecnologia e a ciência têm papel preponderante, resultando em produtos, processos e/ou serviços inovadores. Exemplos de empresas de base tecnológica são as de biotecnologia, polímeros, cerâmica, informática, microeletrônica, mecânica de precisão etc. Diversos pesquisadores têm estudado o fenômeno das incubadoras (FURTADO, 1998; LEMOS, 1998; SALOMÃO, 1998; BAÊTA, 1999; DIAS e CARVALHO, 2002; DORNELAS, 2002; STAINSACK, 2003). A produção científica tem se consolidado e propiciado o surgimento de novas investigações na área, de modo interdisciplinar. Todavia, faz-se necessário verificar, em termo mundiais, as experiências relacionadas ao tema.

Em todo o mundo são encontradas incubadoras de empresas de base tecnológica e parques tecnológicos. Nos Estados Unidos elas resultam de diversas ações, principalmente a de se criar um novo ambiente de localização industrial, que permita a transferência de tecnologia da universidade para a indústria, inaugurando, assim, uma relação universidade-empresa incomum.

As incubadoras americanas originam-se de iniciativas de empreendedores privados ou de grupos de investidores interessados em transferir a novos empreendedores sua experiência e conhecimentos (FURTADO, 1998; LEMOS, 1998).

O fato que impulsionou a criação de incubadoras foi o sucesso da região hoje conhecida como Vale do Silício, na Califórnia, a partir da iniciativa da Universidade de Stanford, que na década de 1950 criara um Parque Industrial e, posteriormente, um Parque Tecnológico. O objetivo era promover a transferência da tecnologia desenvolvida na universidade às empresas e a criação de novas empresas de tecnologia, especialmente do setor eletrônico. O êxito obtido com essa experiência estimulou a reprodução de iniciativas semelhantes em outras localidades, dentro e fora dos Estados Unidos (STAINSACK, 2003).

Por sua vez, na Europa, o movimento de incubadoras iniciou-se na década de 1970, quando surgiram os primeiros parques tecnológicos europeus, em Edimburgo e Cambridge, no Reino Unido, e Sophia Antipolis e Grenoble-Meylan, na França. Esses parques pioneiros voltavam-se para o desenvolvimento regional e contribuíram para a inovação tecnológica, com o apoio ao surgimento de empresas que tinham a tecnologia como insumo principal. Na Europa, observa-se que a população apresenta expectativas diferenciada; a depender do local de instalação das incubadoras (FURTADO, 1998; LEMOS, 1998).

Há basicamente duas expectativas: a preocupação de fortalecer a presença das universidades na região e a possibilidade de geração de empregos com a implantação de novas empresas.

Já a China encontra-se em fase de modernização tecnológica. Assim, as incubadoras estão sendo elemento-chave nesse processo. As incubadoras do país fornecem parte do capital de risco demandado pelas empresas, caso outras fontes de financiamento não sejam encontradas. Assim, como acionista, a incubadora está envolvida no processo decisório da empresa. Neste país, a incubadora é uma organização não governamental sem fins lucrativos, cuja função é dar apoio e assistência aos tecnólogos e cientistas que pesquisem e que possuam patentes, com o intuito de se criar novas empresas independentes, fornecendo-lhes instalações e meios imediatos (STAINSACK, 2003).

O Japão também possui experiências na área, com presença de prefeituras fornecendo capital. Grandes grupos empresariais, como Sanyo, Hitachi etc. fazem-se presentes com seus centros de pesquisas (FURTADO, 1998).

O Brasil, por seu turno, apresenta as primeiras incubadoras sendo criadas na década de 1980. Desde então tem havido um aumento significativo, com a maior parte dos empreendimentos localizados no sudeste e sul do país, devido ao perfil econômico da região. A criação de vários programas de apoio às incubadoras no Brasil, por parte de agências como a Financiadora de Estudos e Projetos e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, demonstra sua importância (BAÊTA, 1999; DIAS e CARVALHO, 2002).

No tópico, a seguir será apresentado, em caráter introdutório, um panorama acerca do empreendedorismo em programas de incubação, que será relevante para o aprofundamento das discussões acerca das interfaces existentes entre os mesmos.

4. O EMPREENDEDORISMO EM PROGRAMAS DE INCUBAÇÃO DE EMPRESAS

O Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas define uma incubadora como um mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas industriais ou de prestação de serviços, de base tecnológica ou de manufaturas leves por meio da formação complementar do empreendedor em seus aspectos técnicos e gerenciais (MCT, 2000, p 6).

ANPROTEC (2005), na mesma linha, define incubadoras de empresas como sendo empreendimentos que oferecem espaço físico, por tempo limitado, para a instalação de empresas de base tecnológica e/ou tradicional, que disponham de uma equipe técnica para dar suporte e consultoria a estas empresas.

De forma similar às duas definições apresentadas, SEBRAE (2003) define a incubadora de empresas como sendo mecanismo técnico que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas (industriais, de prestação de serviços, de base tecnológica ou de manufaturas leves), oferecendo suporte gerencial e formação complementar do empreendedor.

Por sua vez, Spolidoro (1999, p.13) conceitua incubadora dando ênfase ao ambiente inovador que ela deve propiciar. Nos dizeres do autor, a incubadora é um ambiente que favorece a criação e o desenvolvimento de empresas e de produtos (bens e serviços), em especial aqueles inovadores e intensivos em conteúdo intelectual (produto no qual a parcela do trabalho intelectual é maior que a parcela devida a todos os demais insumos).

É importante observar a presença da palavra empreendedor nas definições citadas anteriormente. Esse fato remete à compreensão que a incubadora de empresas é um ambiente ideal para o desenvolvimento da ação empreendedora, pois é um ambiente criado para o empreendedor executar seus projetos.

Segundo Stainsack (2003) as incubadoras apresentam como objetivo prestar apoio a novos empreendedores.

Essa afirmação ainda encontra respaldo em Medeiros (1992) que apresenta três tipos de requisitos para constituição de uma incubadora, a saber:

Requisitos Mínimos	Requisitos Recomendáveis	Requisitos Desejáveis
Existência de empreendedores interessados	Espaço físico apropriado	Tradição de empresas de base tecnológica
Viabilidade técnica comercial das propostas	Existência de incentivos e de linhas de financiamentos apropriadas	Clima favorável e “personificação” de projetos
Parceiros comprometidos com empreendimento e apoio político a incubadora	Gestão da incubadora a cargo do setor privado e participação governamental minoritária e decrescente	Localização da incubadora nas instalações das instituições de ensino e pesquisa ou imediações

Quadro 4 – Requisitos para criação de uma incubadora de empresas

Fonte: adaptado de Medeiros (1992)

Dessa forma, tem-se que o primeiro requisito básico para se criar uma incubadora é a existência de empreendedores, reforçando a idéia que o ambiente de incubação é criado com a finalidade de fornecer subsídios técnicos para o desenvolvimento da ação empreendedora.

Corroborando, Mendonça (2004) relaciona incubadora e empreendedorismo, ao definir os objetivos da primeira. Esses objetivos, representados na figura a seguir, são, em sua maioria, voltados para o desenvolvimento da ação empreendedora.



Figura 1 – Objetivos da incubadora de empresas

Fonte: adaptado de Mendonça (2004)

A partir dessa análise, certifica-se que a incubadora de empresas constitui um ambiente certo para se encontrar empreendedores, posto que toda a sua estrutura e projetos são criados para apoiar iniciativas desse agente. Segundo Stainsack (2003), a incubadora depende do empreendedor, que por sua vez busca apoio para o crescimento de seus negócios. Assim, as incubadoras possuem um caráter catalisador do processo empreendedor, sendo essencial para a consolidação de empreendimentos em um mercado competitivo (LICHTENSTEIN; LIONS, 1996).

Assim, os empresários vislumbram a incubadora como um órgão de apoio em situações que dificultam a realização de sua ação empreendedora, sendo essa significada como a abertura de um novo negócio e desenvolvimento de um produto inédito. Assim, o empresário percebe a incubadora de empresas como um *subsídio* a execução de sua idéia empreendedora.

Com isso, pode-se observar que a relação incubadora e ação empreendedora não é de dependência, pois a idéia inovadora e os motivos de sua execução independem da incubadora de empresas. Por isso, há tantos empreendedores que não passaram por incubadoras de empresas. Contudo, essa emerge como um facilitador ou catalisador da ação empreendedora, pois com os seus contatos, estrutura física, apoio administrativo e de inserção no mercado ela acelera o desenvolvimento da ação empreendedora. Dessa forma, tal qual em uma reação química, a incubadora de empresas aumenta a velocidade de obtenção de resultados através da redução de tempo e possíveis dificuldades a serem encontradas pelo empreendedor.

Dando respaldo a afirmação acima, Lichtenstein e Lyons (1996) ponderam que a principal missão dos programas de incubação empresarial é auxiliar os empreendedores na formação e no desenvolvimento efetivo de seus projetos, sendo que para isso tais programas necessitam desenvolver as seguintes ações:

- Apoiar formação empresarial;
- Aumentar a taxa de desenvolvimento rápido e eficaz de novos empreendimentos;
- Elevar os índices de sobrevivência e sucesso das novas empresas criadas;
- Supervisionar o processo de dissolução na possibilidade de um dado empreendimento não alcançar seus objetivos, devolvendo ou reaproveitando os ativos do mesmo.

Dessa forma, para que a incubadora atue de forma efetiva torna-se necessário uma maior estruturação do processo de incubação, pois esse terá que contemplar empresas em diferentes estágios.

Vale citar ainda, o estudo realizado por Macêdo, Ichikawa e Boava (2008) visando compreender o projeto empreendedor a partir da teoria dos motivos de Alfred Schultz (1972). Nesse estudo, conclui-se que a incubadora de empresas é um meio para o desenvolvimento da ação empreendedora. Isso pode ser melhor evidenciado na figura abaixo.

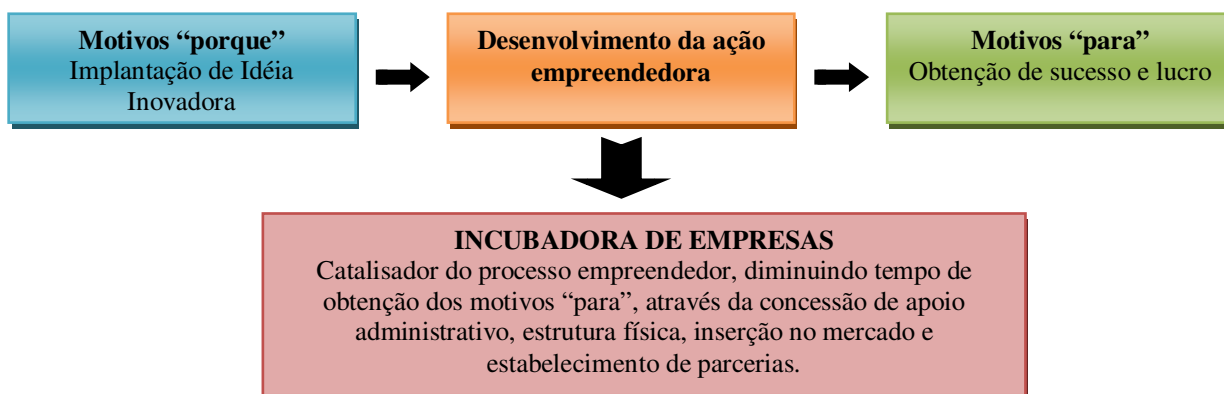


Figura 2 – Projeto Empreendedor
Fonte: Macêdo, Ichikawa e Boava (2008)

Portanto, reforça-se que a inserção em um programa de incubação de empresas não é condição para a existência da ação empreendedora, mas sim um órgão acelerador. Porém, em face dos argumentos evidenciados no início desse tópico pode-se afirmar que as incubadoras de empresas são o *habitat* ideal no qual empreendedores podem desenvolver suas potencialidades de forma plena e completa, face as características peculiares de tais organizações. As incubadoras são criadas para facilitar, acelerar e garantir desenvolvimento pleno da ação empreendedora. Ao invés de se incubar uma bactéria, um ovo ou uma planta, a incubadora lida com pessoas jurídicas, que são constituídas por empreendedores, que coabitam em um espaço em que há a indução da prática empreendedora, especialmente planejado para tal. Ou seja, nesse ambiente o empreendedorismo existe de fato.

5. CONCLUSÕES

A partir da revisão teórica elaborada acerca do empreendedorismo e incubadoras de empresas, pode-se responder a problemática proposta na parte introdutória desse artigo: Quais as interfaces existentes entre empreendedorismo e incubação de empresas?

1- A relação incubadora e ação empreendedora não é de dependência, pois a idéia inovadora e os motivos de sua execução independem da incubadora de empresas. Por isso, há tantos empreendedores que não passaram por incubadoras de empresas.

2- As incubadoras de empresas visam gerar um ambiente propício para o desenvolvimento de ações empreendedoras, através do incentivo à inovação. Segundo Smilor (1987, p.146) a incubadora procura unir efetivamente talento, tecnologia, capital e conhecimento para alavancar o talento empreendedor, acelerar a comercialização de tecnologia e encorajar o desenvolvimento de novas empresas. Diante disso, as incubadoras de empresas são o *habitat* ideal no qual empreendedores podem desenvolver suas potencialidades.

3 – A incubadora emerge como um facilitador ou catalisador da ação empreendedora, pois com os seus contatos, estrutura física, apoio administrativo e de inserção no mercado ela acelera o desenvolvimento da ação empreendedora. Dessa forma, tal qual em uma reação química, a incubadora de empresas aumenta a velocidade de obtenção de resultados através da redução de tempo e possíveis dificuldades a serem encontradas pelo empreendedor.

Considerando esses três indicativos, pode-se concluir que o empreendedorismo não necessita da incubadora de empresas para existir, porém pode existir de fato, em sua potencialidade máxima, em incubadora de empresas, *locus* ideal criado para acelerar o processo empreendedor. Portanto, observa-se a complexidade da relação existente entre empreendedorismo e incubadora de empresas, posto que o primeiro é independente e simultaneamente impactado via ação catalisadora pelo segundo.

Dessa forma, encerra-se esse artigo evidenciando que *em incubadoras de empresas o empreendedorismo existe de fato, ainda que não dependa da mesma para existir*. Conforme afirmado, não é pretensão desse estudo generalizar e firmar suas conclusões como verdades universais, mas contribuir para a construção epistemológica acerca do empreendedorismo fomentando debates para investigações vindouras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas. **As incubadoras de empresas no Brasil: Panorama 2005**. Brasília: ANPROTEC, 2005.
- BAETA, A. M. C. **O desafio da criação: uma análise das incubadoras de empresas de base tecnológica**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOAVA, D. L. T. **Estudo sobre a dimensão ontológica do empreendedorismo**. Londrina, 2006. Dissertação (Mestrado), UEL.
- BRAGA, J. N. P. **O Empreendedorismo como instrumento de desenvolvimento. O programa IES/SOFTEX**. Salvador, 2003. Dissertação (Mestrado), UFBA.
- CANTILLON, R. **Essai sur la nature du commerce en général**. London: Fetcher Gyler, 1755. In Éditions Weltanschauung: Montreal, 2003. Disponível em <<http://www.innovatique.com/welt/html/cantillon.PDF>> Acesso em 04 de junho de 2006.
- CARLAND, J.W.; CARLAND, J.A.; HOY, F. S. An entrepreneurship Index: an empirical validation. **Frontiers of Entrepreneurship Research**, 1992.
- DIAS, C.; CARVALHO, L. F. Panorama mundial das incubadoras. In ARANHA, J. A. **Modelo de gestão para incubadoras de empresas: implementação do modelo**. Rio de Janeiro: Rede de Incubadoras do RJ, 2002.
- DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- DORNELAS, J. C. A. **Planejando incubadoras de empresas**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: Prática e Princípios**. São Paulo: Pioneira, 1986.
- FILION, L. J. Oportunidades de Negócio. In: FILION, L.J.; DOLABELA, F. **Boa Idéia! E agora?: plano de negócio, o caminho seguro para criar e gerenciar sua empresa**. São Paulo: Cultura, 2000.
- FILION, L. J. O planejamento do seu sistema de aprendizagem empresarial: Identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração de Empresas**, FGV, São Paulo, jul/set.1991.
- FURTADO, M. A. T. **Fugindo do quintal: empreendedores e incubadoras de empresas de base tecnológica no Brasil**. Brasília: SEBRAE, 1998.
- HISRICH, R. D. PETERS, M. P. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Boockmam, 2004.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEITE, E. **O fenômeno do empreendedorismo: criando riquezas**. Recife: Bagaço, 2000.

LEMOS M. V. **O papel das incubadoras de empresas na superação das principais dificuldades das pequenas empresas de base tecnológica**. Rio de Janeiro, 1998. Dissertação (Mestrado), UFRJ.

LICHTENSEN, G. A; LYONS, T. S. **Incubating new enterprises: a guide to successful practice**. Washington: The Aspen Institute, 1996.

MACEDO, F. M. F., ICHIKAWA, E.Y., BOAVA, D. L. T. Interfaces entre o processo de incubação e o fenômeno empreendedor: um estudo a partir da fenomenologia social In: XLIII Assembléia Anual do CLADEA, 2008, Puebla. **Anais..** Puebla: CLADEA, 2008.

MCT. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Manual para a implantação de incubadoras** (2000). Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/Temas/Desenv/Manual-Incubadoras.pdf>>. Acesso em 29 de novembro de 2006.

MEDEIROS, J. A., MEDEIROS, L. A., MARTINS, T., PERILO, S. **Pólos, parques e incubadoras: a busca da modernização e competitividade**. CNPq: Brasília, 1992.

MENDONÇA, J. R. G. **Incubadora de inovação**: Diretoria de Inovação e Direção Tecnológica. (2004). Disponível em: [http://www.cori.rei.unicamp.br/foruns/empreen/ evento7/atech.ppt](http://www.cori.rei.unicamp.br/foruns/empreen/evento7/atech.ppt). Acesso em 29 de novembro de 2006.

NASSIF, V. M. J.; CARMO, R. M. Incubadoras de empresas e a capacidade empreendedora das pessoas. In: XXIX Encontro anual da ANPAD, 29, 2005, Brasília. **Anais..** Brasília: ANPAD, 2005.

NBIA (National Business Incubator Association). **NBIA founders awards**. Disponível em <http://www.nbia.org/resource_center/what_is/founders_awards/mancuso.php> Acesso em 04 jan. 2009.

OED. **Oxford English Dictionary**. Open University Press, 2006. Disponível em <<http://www.oed.com/>> Acesso em 04 de janeiro de 2006.

SALOMÃO, J.R. **As incubadoras pelos seus gerentes: uma coletânea de artigos**. Brasília: ANPROTEC, 1998.

SAY, J. B. **Traité d'économie politique: ou simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent ou se consomment les richesses**. Paris, 1803. In TREMBLAY, J.M. Quebec, 2002. Disponível na internet: <http://www.uqac.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/say_jean_baptiste/traite_eco_pol/Traite_eco_pol_Livre_1.pdf> Acesso em 04 de junho de 2006.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SCHÜTZ, A. **Fenomenologia del mundo social: introduccion a la sociologia comprensiva**. Buenos Aires: Paidós, 1972.

SEBRAE. **Tipos de incubadoras**. (2003) Disponível em: http://www.df.sebrae.com.br/preview/creator2/webs/sebrae/consultoria/contecnologia/incubadora/incubadora_apoio.cfm . Acesso em 29 de novembro de 2006.

SMILLOR, R. W. Managing the incubator system: critical success factors to accelerate new company development. **IEEE Transactions of engineering management**, v.34, n° 3, p.146-155, Aug. 1987.

SPOLIDORO, R. Habitats de inovação e empreendedores: agentes de transformação das estruturas sociais. TECBAHIA. **Revista baiana de tecnologia**. v. 14. n° 3, p. 9-21. 1999.

STAINSACK, C. **Estruturação, organização e gestão de incubadoras**. Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado), UTFPR.